

O Comunismo Contra o Homem Livre

WALTER H. JUDD

Nos últimos três anos, o Dr. Walter H. Judd tem visitado escolas e universidades para falar com os estudantes. Cada conferência é seguida de uma sessão de perguntas e respostas e, depois, de mais uma hora ou duas de discussão na associação dos estudantes ou em qualquer outro local de reunião sem protocolo do estabelecimento. São muitos os assuntos debatidos, política, relações internacionais, economia, a guerra fria. Entre as perguntas mais freqüentemente formuladas figuram as seguintes, relativas ao comunismo.

Em que difere o comunismo do socialismo?

Tanto o comunismo como o socialismo pregam a partilha da riqueza nacional e ambos supõem que o govêrno tem melhores condições do que as pessoas de saber o que deve ser feito com o que elas ganham. Os socialistas acreditam que os princípios da partilha devem ser estabelecidos voluntariamente, ao passo que os comunistas são declaradamente partidários da compulsão. Na prática, porém, as diferenças entre o socialismo e o comunismo se reduzem ao mínimo. A necessidade de obter resultados tem forçado cada vez mais os socialistas a recorrerem a severos contrôles que privam o povo

da liberdade, e os governos comunistas têm ultimamente reconhecido a necessidade de permitir alguma dose de incentivo pessoal.

Mas uma diferença ainda mais fundamental é que o objetivo único dos socialistas consiste na transformação econômica. Os comunistas querem, ao contrário, transformar a humanidade. Acreditam que a ambição pessoal, o desejo de melhorar de vida não constitui um elemento inerente e recomendável da natureza humana. Julgam que, condicionando as pessoas por meio de métodos semelhantes aos utilizados por Pavlov para alterar o comportamento de cães de laboratório, poderão eliminar o incentivo e a ambição pes-

soal, substituindo-os pela aceitação universal do domínio do Estado, que assegurará melhores condições de vida para todos.

Se os comunistas acreditam com tanta firmeza numa vida melhor para todos, por que então querem dominar o mundo pela força?

Os comunistas acreditam que todo o mal decorre da cobiça implantada na natureza humana pelo capitalismo. A competição entre os indivíduos e as guerras entre as nações são manifestações semelhantes dessa tendência aquisitiva. A única maneira de salvar o mundo para a utopia comunista é, portanto, erradicar por completo o capitalismo. E a única maneira de eliminar o capitalismo é conquistar e dominar o mundo e suprimir os capitalistas.

Essa crença está na base do desejo que têm os comunistas de dominar o mundo e explica a maior parte das suas técnicas. Na opinião deles, qualquer mentira, qualquer crime não é apenas desculpável, mas chega a ser positivamente virtuoso desde que faça avançar a causa do comunismo mundial. Para eles, a violação de tratados e acôrdos não representa uma traição à fé jurada, mas uma afirmação eloqüente e perfeitamente coerente da mesma. O extermínio de sete milhões de *kulaks* por Stalin na década de 1930 não foi um

ato de imperdoável genocídio como o extermínio de um número comparável de judeus por Hitler. Os *kulaks* eram pequenos proprietários de terras, isto é, capitalistas, e suprimi-los foi um passo humano e caridoso dado no caminho da união comunista.

Apesar da natureza revoltante dos seus métodos, os comunistas terão talvez razão quanto à natureza fundamental dos seres humanos?

A doutrina comunista sempre teve considerável força de atração, especialmente sobre os jovens e os ingênuos, que não procuram ver além da teoria. Mas os resultados do comunismo até agora, muito ao revés de mostrarem a verdade das teorias marxistas sobre a natureza humana, demonstram exata e convincentemente o contrário.

Uma forma de medir a diferença é simplesmente confrontar o bem-estar existente em países divididos como a Alemanha Ocidental e Oriental, a Coreia do Norte e do Sul, o Vietname do Norte e do Sul. Em todos os casos, a vida da população na parte não-comunista é imensamente preferível. O Muro de Berlim não foi levantado para impedir a entrada dos alemães ocidentais, mas sim para impedir a saída dos alemães orientais. Não há refugiados do mundo livre na China Vermelha ou no Tibete.

Outra forma, e talvez ainda melhor, é examinar as realizações do comunismo na U.R.S.S., onde teve quase 50 anos para afirmar-se. A Rússia não tem falta de terras nem de re-

O DR. WALTER H. JUDD serviu 10 anos como missionário-médico na China antes da Segunda Guerra Mundial. De 1943 a 1962 foi congressista norte-americano pelo Estado de Minnesota.

cursos, nem de pessoas fortes e competentes. Apesar disso, existem graves crises, especialmente na agricultura. Na lavoura, como em tôdas as esferas de atividade, a experiência comunista tem mostrado que o indivíduo acredita que êle e sua família têm direito a recompensas proporcionais aos seus esforços. É uma crença tão firme que êle não fará o melhor trabalho de que é capaz em qualquer outra base. O insucesso da tentativa de instituir comunas agrícolas na China Vermelha confirma os resultados verificados na Rússia.

Essa experiência prova que a confiança em si mesmo, a iniciativa e o espírito de competição são características inatas do homem, Tôdas as glórias da civilização ocidental e todo o progresso das sociedades livres têm a sua fonte nessas características. Tentar erradicá-las do ser humano é procurar transformar homens em escravos.

Se o comunismo é então incompatível com a natureza humana, não deve mais cedo ou mais tarde evoluir para alguma coisa diversa? Por que não é possível coexistir com êle até então?

No curso natural dos acontecimentos, a natureza inerente do homem e o seu amor à liberdade obrigará indubitavelmente o comunismo a evoluir para alguma coisa que se assemelhe ao nosso regime. A necessidade de produção adequada na indústria e na agricultura imporá um sistema de incentivos ao sucesso e de punições para a insucesso. Do mes-

mo modo, na política, a necessidade de uma sucessão regular dos governantes, pelo menos, pode impor alguma espécie de processo eleitoral semelhante ao do govêrno representativo democrático.

Só há uma razão decisiva para que não cruzemos os braços e aguardemos o curso natural dos acontecimentos. Os comunistas não têm a intenção de permitir-nos êsse procedimento. Ao contrário, em vez de reconhecerem os seus insucessos como consequência de erros filosóficos e psicológicos, culpam o capitalismo. Os insucessos não os convencem a modificar o seu regime, mas, ao contrário, tornam-nos mais empenhados em destruir o nosso.

Quando os comunistas falam de "coexistência pacífica", temos de reconhecer que se trata de um meio de efetuar a nossa destruição. Quando abrandam as suas táticas, é apenas com o intuito de ganhar tempo para a próxima etapa. O pugilista que é abalado por um sôco não entra em *clinch* por ter ficado de repente cheio de simpatia pelo adversário ou por haver desistido; quer vencer e acha que é essa a melhor tática.

Que atos o senhor consideraria prova suficiente de que os comunistas estão dispostos a concretizar as suas palavras sôbre "coexistência pacífica"?

Há pelo menos quatro atos que constituiriam, cada qual, um sinal dessa intenção e que, todos juntos, seriam prova de verdadeira mudança de espírito:

• Derrubar o Muro de Berlim. Os comunistas dizem que a tensão na Europa causa dificuldade entre nós. Na realidade, a tensão é um resultado e não uma causa. A demolição do muro reduziria a tensão e transformaria da noite para o dia o ambiente na Europa.

• Deixar o povo da Europa Oriental votar. Na sua maioria, essa população tem experiência de governo autônomo. E agora que tem também experiência de comunismo, já pode fazer uma escolha. Se considerar o comunismo superior ao que teve antes, votará para conservá-lo.

• Deixar de utilizar Cuba como base para a subversão do Hemisfério Ocidental.*

• Aceitar o desarmamento *com inspeção*. Se os comunistas são sinceros a respeito do desarmamento, por que não permitem a inspeção? O Presidente Eisenhower propôs em 1955, em Genebra, mostrar-lhes—em base permanente—todas as armas, fortificações e planos de defesa que possuímos desde que eles nos mostrassem os deles. Dêsse modo, nenhum dos lados poderia preparar um ataque de surpresa. Em 1964 o Presidente Lyndon Johnson repetiu, em essência, a mesma proposta. A U.R.S.S. recusou-a em ambos os casos.

Então, que pode o mundo livre fazer para impedir que as tensões acabem gerando a Terceira Guerra Mundial?

* Ver "Assim Castro Propaga a Revolução", Seleções, janeiro de 1966.

Há duas maneiras de evitar a Terceira Guerra Mundial. Se o nosso único objetivo fôsse impedir a guerra atômica e se, para consegui-lo, estivessemos dispostos a abdicar de todas as nossas liberdades e viver escravizados ao comunismo mundial, nada nos seria mais fácil. Bastaria capitular.

Mas se não estamos dispostos a capitular, só há um caminho possível: deixar de vacilações, deixar de ilusões a respeito dos objetivos comunistas e resistir firmemente a todas as novas incursões. Desde o fim da Segunda Guerra Mundial, o mundo livre mostrou firmeza ante a agressão comunista em 11 ocasiões:

Primeira, no Irã em 1945-46, quando não se permitiu que a U.R.S.S. mantivesse as suas tropas no Azerbaijão.

Segunda, em 1947, na Grécia, quando se mandou auxílio para deter a tomada do poder pelos comunistas em consequência do que se chamava uma "guerra civil", como agora se chama a guerra no Vietnãme.

Terceira, em 1948, quando o bloqueio de Berlim foi rompido pela ponte aérea.

Quarta, em 1949, quando a OTAN foi criada e instalada com o Plano Marshall.

Quinta, em 1951, quando a Alemanha Ocidental teve permissão para rearmar-se e fazer parte da Aliança Ocidental.

Sexta, na crise de Formosa em 1954.

Sétima, oitava e nona, em 1958, ano que registrou um ultimato ao Ocidente para sair de Berlim, o ataque chinês a Quemói e Matsu e o golpe tentado no Líbano—havendo resistência a tudo isso.

Décima, a crise de Berlim de 1961, quando foi decretada a mobilização para impedir a ameaça de ocupação pela U.R.S.S.

Décima primeira, e talvez a mais dramática de todas, a crise dos foguetes de Cuba em 1962.

Em cada um desses casos, os comunistas ameaçaram em altas vozes fazer a guerra se o Ocidente exercesse a ação que foi exercida. Cada um desses encontros não levou à guerra, mas à paz. Em todos os casos os comunistas recuaram. A única maneira de salvar o mundo para a liberdade é ter firmeza e enfrentar todas as ameaças, não com contragolpes ou belicosidade vazia, mas com ação enérgica e determinada em apoio dos povos livres.

SENDO recém-chegada na cidade, eu estava preenchendo um formulário para obter um cartão de frequência da biblioteca. Expliquei ao rapaz no balcão que eu não podia dar referências, pois não conhecia ninguém.

—A senhora não tem amigos aqui?—perguntou êle.

Abanei a cabeça.

Êle pensou um pouco, depois sua fisionomia iluminou-se de repente. Como um general dando ordens, êle apontou para o salão de leitura da biblioteca e comandou:

—Então vá e *faça* um amigo!

—V. P.

Fala Lyndon Johnson

“Não sou pessoa cheia de dúvidas, nem cheia de medo, nem cheia de ódio. Acredito que os Estados Unidos são um país adorado, que temos muito de proteger e preservar, que vamos fazer isso e que a geração seguinte vai ser melhor que a última.

“Vejo coisas que fazemos que eu chamaria de erros. Nem todos vemos tudo da mesma maneira. Se assim fôsse, quereríamos todos a mesma espôsa. . . . Mas se sobrevivermos será por uma razão: o tipo de governo que os Estados Unidos têm, nosso sistema de livre empresa e incentivo. Acho que os outros povos acabarão adotando o nosso sistema em vez de nós adotarmos o deles.

“Nunca deveríamos ir deitar, à noite, sem agradecer ao nosso bom Deus Todo-Poderoso as bênçãos com que nos cumula e a sabedoria de nossos antepassados ao estabelecerem êste sistema.”

—De uma entrevista na televisão